



O lead como expressão da cultura local: o caso do jornal Folha de Rio Verde¹

Hadassa Ester DAVID²

Instituto de Ensino Superior de Rio Verde (ISRIVER), Rio Verde, GO

Resumo

Esse artigo é resultado de um projeto de iniciação científica que tem seu foco na trajetória do *lead* no Brasil e no mundo, estabelecendo como corpus sua aplicação no jornal impresso de Rio Verde, interior do Estado de Goiás. O objetivo é apontar as estratégias da técnica da pirâmide invertida aplicadas ao jornalismo, a qual impõe um padrão de escrita que obriga o redator a responder às perguntas fundamentais para a produção de um princípio ordenado das informações na matéria: O quê, Quem, Quando, Onde, Como e Por quê. O estudo parte da premissa de que a pirâmide invertida é fruto da tecnologia, gerando maior praticidade tanto para o leitor, quanto para o jornalista. Nessa perspectiva, o *lead* seria um produto oferecido pelo mercado capitalista.

Palavras-chave

Lead; Jornal; Pirâmide Invertida.

1. Introdução

Vários fatores apontam os motivos que levaram a consolidação do *lead* na história do jornalismo impresso mundial. Autores com diferentes pontos de vista discutem e argumentam sobre a gênese, o conceito e prática da técnica da pirâmide invertida³. Genro Filho (1987), Sousa (2001), Karam (2000), Rangel (1987), Martins (2005), Callado (2001) são alguns nomes significativos nesse debate.

O termo *Lead* vem do inglês e significa conduzir. É a abertura do texto jornalístico, que deve resumir o relato do fato principal respondendo às seis perguntas básicas: Quem? Fez o quê? Quando? Onde? Como? E por quê?

A origem do termo, segundo o que consideram os pesquisadores, teria sido nos Estados Unidos durante a Guerra de Secessão, que foi o primeiro acontecimento a

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Estudante de graduação do 5º Período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde (IESRIVER). E-mail: hadassaester5@hotmail.com.

³ De acordo com essa técnica narrativa o texto noticioso deveria ser estruturado segundo a ordem decrescente de interesse e relevâncias das informações, de maneira que o leitor tivesse acesso aos dados essenciais sobre o fato nos parágrafos iniciais.



receber cobertura maciça da mídia. Para Jorge Pedro Sousa (2001, p.19) neste período milhares de repórteres se tornaram correspondentes de guerra, momento em que criaram e aplicaram técnicas de empacotamento da informação, como a entrevista, o *lead* e a reportagem. Também a necessidade do uso do telégrafo impulsionou a técnica da pirâmide invertida para a redação das notícias. O uso do telégrafo era caro e sua tecnologia falível sendo necessário que a informação mais importante viesse no início da transmissão. Assim, a técnica da pirâmide invertida e o *lead* auxiliaram a delimitar o campo profissional do jornalismo, e o jornalista passou a ser visto como um técnico na produção de informação noticiosa.

A utilização de um parágrafo introdutório às histórias, que posteriormente adquiriria a denominação anglo-saxônica de *lead*, foi uma técnica usada desde a antiguidade. Eugenio Coseriu (apud, Sousa 2001, p.27) assinala que já Homero usou essa técnica.

"Este jovem morrerá ao amanhecer", por exemplo, é a frase introdutória de uma narrativa homérica que prefigura o *lead* e a própria técnica da pirâmide invertida, pois antecipa ao leitor o final da história. (Sousa, apud, Casasús e Nuñez Ladevéze, 1991, p. 15).

Já Francisco José Karam⁴ (2000) acredita que a introdução do *lead* não é responsabilidade exclusiva do jornalismo norte-americano ou inglês. Não surge do acaso ou por um simples arbítrio na articulação do discurso. Certamente a linguagem jornalística - e aí entra a tradição inglesa e norte-americana do discurso jornalístico valeu-se da tradição greco-romana em relação ao uso das palavras e ao discurso claro e convincente.

“Em Roma, filósofos retomam a tradição grega da Retórica, entre eles o exímio orador Marco Túlio Cícero. Os retores, na Grécia Antiga, entre os quais Platão, Aristóteles e Protágoras (cerca de 400 anos antes da era cristã), já haviam consolidado a ideia de que o discurso deveria ser bem articulado e acessível às massas... Cícero, em *De Inventione*, relacionou os aspectos essenciais para que o texto se tornasse completo. Para o famoso orador romano, era preciso responder as perguntas quem? (*quis / persona*) o quê? (*quid / factum*) onde? (*ubi / locus*) como? (*quemadmodum / modus*) quando? (*quando / tempus*) com que meios ou instrumentos (*quibus adminiculis / facultas*) e por quê (*cur / causa*). As proposições de Cícero, originadas na Retórica da Antiguidade Grega, foram paradigma da exposição de acontecimentos nos dois milênios

⁴ Francisco José Karam é jornalista, Doutor em Comunicação e Semiótica, Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil) e autor de *Jornalismo, Ética e Liberdade* (São Paulo: Summus, 1997). Integra, em Santa Catarina, a comissão do Programa Nacional de Qualidade de Ensino em Jornalismo da Federação Nacional dos Jornalistas do Brasil.



seguintes.” (KARAM, 2000, Disponível em :
www.saladeprensa.org/art150.htm. Acesso em 10 mar. 2010).

Adelmo Genro Filho, em sua obra *O Segredo da Pirâmide* (1987. p.183-202), relata que a primeira notícia redigida segundo a técnica da "pirâmide invertida" teria aparecido no *The New York Times* em abril de 1861. A partir da segunda metade no século XX, alguns dos mais importantes periódicos latino-americanos passaram a publicar notícias das agências norte-americanas redigidas segundo esse modelo. Nesse período, essa técnica se espalhou gradativamente, tendo chegado ao Brasil exatamente em 1950, pela iniciativa do jornalista Pompeu de Sousa.

Para Ana Arruda Callado (Caldas, 2002 apud, p.46), a paternidade da implantação da técnica no Brasil deve ser atribuída a Danton Jobim, diretor do *Diário Carioca*, que esteve na Universidade de Columbia, Nova Iorque, antes de Pompeu ir lá aprender as novas técnicas. Mas no dia-a-dia do jornal, Pompeu, grande líder que era, de fato consolidou o uso do *lead*, que passaria a ser chamado de “lide”, uma adaptação brasileira.

Pompeu de Souza aprendeu as novidades que seriam transformadas em *Manual de Redação* quando estagiou como jornalista em Nova Iorque durante a Segunda Guerra Mundial. O *Manual* tinha 16 páginas e intitulava-se “Regras de Redação do *Diário Carioca*”. Foi, durante muitos anos, o único manual de redação do jornalismo brasileiro.

Eu comecei a reforma do *Diário Carioca* durante o carnaval de 1950. Estava de folga na Faculdade de Jornalismo e aproveitei para mudar tudo. Os jornais eram todos redigidos na técnica do “nariz de cera”, fazendo especulações puramente subjetivas, especulações filosóficas, uma subliteratura. Eu me convenci que não dava mais para você escrever para jornal na base do “nariz de cera”. O leitor acabava por se transformar num corredor de obstáculos. Ele procura parágrafos para procurar notícia, que estava muitas vezes no pé da matéria. Implantei o *copydesk* e redigi aquilo que os americanos chamaram de *study book* e que eu chamei de “Regras de Redação do *Diário Carioca*”. Inicialmente, as reformas causaram um verdadeiro escândalo... Bem, mas o que eu pretendia era narrar o acontecimento não mais na ordem cronológica nem na ordem lógica, e sim na ordem psicológica, para que tudo ficasse claro para o leitor. (SOUZA,1986, apud *Diário Carioca*, p.103).

No Brasil, o jornal era o principal veículo de acesso aos leitores. Os jornais não tinham uma técnica própria de contar história, não havia um paradigma e até a segunda metade do século XX, os jornalistas se espelhavam na literatura, seguiam uma gama variada de estilos e não um estilo padronizado. Nos anos 50, no entanto, a imprensa abandona o modelo francês de jornal mais opinativo e literário, adotando o modelo americano de jornal meramente informativo.



Luís Edgard de Andrade (1985), que trabalhou como chefe do *copydesk* no Diário Carioca, Prêmio Esso Nacional de Jornalismo e editor (em 1985) do Manual de Telejornalismo da TV Globo, onde foi Editor chefe do Jornal Nacional, dá seu depoimento:

A chegada do lide ao Brasil, 50 anos depois, parece banal. Na época, foi uma revolução. Basta lembrar que, mais tarde, nos anos 60, quando fui correspondente em Paris, o “lide” ainda não havia chegado à imprensa francesa. A narrativa cronológica determinava o estilo das notícias nos jornais de Paris.

(ANDRADE, 2003, apud Diário Carioca, p.85).

As regras de redação brasileira passam a retirar do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante para garantir a impessoalidade e a ocultação do sujeito de enunciação. Acontecia a transição do nariz de cera para o lead.

Na opinião de Genro Filho (1987), alguns aceitam a tese de que a "pirâmide invertida" surgiu por uma deficiência técnica, um acaso que contemplou, ao mesmo tempo, o comodismo dos leitores e o interesse dos jornais em suprimir os parágrafos finais quando chegava um anúncio de última hora. Geralmente, quando as linhas finais de uma matéria eram cortadas, perdia-se a informação principal.

A narração cronológica, diz Eleazar Diaz Rangel (apud, Genro Filho, p.183-202), que dominou o que poderia chamar-se toda uma primeira etapa na evolução da notícia, respeitava a ordem em que se sucederam os fatos e era necessário ler todo o relato para inteirar-se do que havia ocorrido. Para os novos leitores que a imprensa conquistou, resultava muito mais prático essa estrutura da "pirâmide invertida". O leitor, assim, informa-se brevemente e não pergunta pelas circunstâncias dos fatos. Essa nova estrutura da notícia não foi planejada para chamar o leitor à reflexão, mas apenas "para informá-lo superficialmente, para adormecê-lo, fazê-lo indiferente e evitar que pense", complementa o autor.

Esta praticidade acaba resultando na destruição do racional e passa a retirar qualquer visão crítica que o leitor possa ter, substituindo-a pela recepção passiva.

2. O lead como a essência do jornalismo

Para Franklin Martins (2005 p.111), o lead nasceu como uma reação saudável à monumental chatice do nariz de cera, embora há quem diga que ele foi uma imposição industrial. Segundo o autor, o lead tem um grande mérito: organiza a informação, e um grande defeito: padroniza o estilo.



O nariz de cera era um texto longo, geralmente opinativo que em vez de dar logo a notícia ao leitor, adiava-a por quatro ou cinco parágrafos de subliteratura.

Além das visões e teses que apontam ter a pirâmide invertida nascido em uma circunstância tecnológica para atender ao mercado capitalista, e que o lead anuncia uma mercadoria na indústria cultural com objetivo de impedir a consciência crítica dos leitores, Diaz Rangel lembra ainda que essa maneira de estruturar a notícia e a tendência a uniformizar os primeiros parágrafos desestimula também a criatividade e iniciativa dos repórteres.

Genro filho (1987), já citado anteriormente, define que as informações circulantes na comunicação cotidiana apresentam, normalmente, uma cristalização que oscila entre a singularidade e a particularidade. A singularidade seria a manifestação na atmosfera cultural de uma “imediatricidade” compartilhada, uma experiência vivida de modo mais ou menos direto.

A particularidade se propõe no contexto de uma atmosfera subjetiva mais abstrata no interior da cultura, a partir de pressupostos universais geralmente implícitos, mas de qualquer modo naturalmente constituídos na atividade social. Somente o aparecimento histórico do jornalismo implica uma modalidade de conhecimento social que, a partir de um movimento lógico oposto ao movimento que anima a ciência, constrói-se deliberada e conscientemente na direção do singular.

Desse modo, o critério jornalístico de uma informação está ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade, ou seja, sua essência, e que a essência só pode ser apreendida no relacionamento com a totalidade. O lead, portanto, de acordo com o autor, seria uma importante conquista da informação jornalística, pois representa a reprodução sintética da singularidade da experiência individual.

O problema é que a "pirâmide invertida" corresponde a uma descrição formal, empírica, que nem sempre corresponde à realidade, exatamente porque não capta a essência da questão. Não se trata, necessariamente, de relatar os fatos mais importantes seguidos dos menos importantes. Mas de um único fato tomado numa singularidade decrescente, isto é, com seus elementos constitutivos organizados nessa ordem, tal como acontece com a percepção individual na vivência imediata... A pirâmide invertida e o lead levam a maioria dos redatores a pensar que se deve sempre responder monótona e mecanicamente às famosas "seis perguntas" no primeiro parágrafo - do que realmente pela apreensão singularizada do fato, na qual o lead seria apenas a expressão mais aguda e sintética. De fato, o lead, como momento agudo, síntese evocativa da singularidade, normalmente deverá estar localizado no começo da notícia. Porém, nada impede que ele esteja no segundo ou até no último



parágrafo, como demonstram certos redatores criativos. (FILHO, Genro, 1987, p. 183-202).

De fato, ao se aterem ao princípio da objetividade, no qual se deve buscar a imparcialidade e manter um distanciamento crítico diante de fatos e interesses, o jornalista acaba se rendendo a essa técnica de padronização, sendo que esse método, como diz Marcondes Filho (1986), é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político.

Partindo do princípio da singularidade, atrelada à particularidade, vamos analisar como se dá este processo em um jornal impresso na cidade de Rio Verde, estado de Goiás, levando em conta que cidades do interior possuem realidades histórico-sociais e culturais específicas.

3. Aplicação do *Lead* no Jornal Folha de Rio Verde

A Folha de Rio Verde⁵ é uma publicação quinzenal, com uma tiragem de três mil exemplares, fundada em oito de agosto de 1988 (8/8/88) pelo jornalista Egidio Brizola. A data é, igualmente, da fundação da Editora Geral Independência, de sua propriedade e sob sua direção.

Egidio Brizola veio de Londrina (PR) para Rio Verde em 1986, e aqui contribuiu para a fundação da Associação dos Produtores de Grãos (APG). Fundou, para a APG, o Jornal do Grão, que circulou vários anos. Simultaneamente, fundou o jornal Gang, de cunho cultural-social, que teve grande repercussão por ter sido um produto diferenciado. Nesse tempo, o jornalista também atuou como correspondente do jornal O Popular.

Em 1994, devido a problemas de saúde na família, o jornalista regressou à sua terra e voltou a trabalhar no jornal, onde tinha ingressado em 1976 e trabalhado durante 11 anos. Havia começado como repórter e seguiu como redator, editor de várias editorias e secretário de Redação. Lá ele desenvolveu outra etapa de sua carreira, por mais nove anos, como assistente da Editoria de Economia e depois como editor de Política e Opinião. Nesse período a Folha de Rio Verde deixou de circular. Mas em 2003, com o retorno a Rio Verde, Brizola retomou a Folha de Rio Verde – chamando de Fase 2 a nova circulação.

⁵ Folha de Rio Verde é uma publicação quinzenal da Editora Geral Independência Ltda, fundada em Rio Verde (GO) em 8/8/88 por Egidio Brizola. Tiragem: três mil exemplares. Editor responsável: E. Brizola, folhaderioverde@gmail.com.



Durante o período em que o jornal circulou na primeira fase (1988 – 1994), não foi possível encontrar cópias das edições, já que a cidade não possui hemeroteca, e poucos veículos arquivam suas publicações.

Quando o jornal voltou a circular, a chamada Fase 2, foi publicada no período de 05 a 20 de agosto de 2004 uma explicação aos leitores sobre o motivo da suspensão da circulação da Folha:

Caro leitor,

O retorno da Folha de Rio Verde é causado pela oportunidade favorecida pela expansão econômica da cidade e da região, que amplia os espaços para todos os empreendimentos. Não existia esta circunstância com tal grandiosidade em 1988, quando este jornal teve a honra de começar a circular. Dezesesseis anos atrás, esta publicação enfrentou as dores da evolução do crescimento juntamente com a cidade, ambas atônitas com a voracidade do processo. Anos depois, enfim, o cenário apontava como caminho mais sensato a suspensão do jornal...

Agora, a volta da Folha significa, primeiramente, a criação de uma nova página, de uma nova pena à disposição da comunidade, da qual sempre espera solidariedade na mesma medida que oferece. Os tempos são outros, como são outras as tendências, mas o veículo jornal, como meio e mensagem, continua teimosamente a respirar, e a cada decreto de sua morte ressurgue com força redobrada. Na luta frenética que este tipo de publicação enfrenta há uns 15 anos, sua capacidade de adaptação à TV e à Internet mostra porque se faz o jornal. Jornal é o resultado da paixão, mas também das vicissitudes, das dores, do coração quebrado, da alma dolorida que ao ficar pronto, tem o poder de se transformar no refrigerio necessário a todos os desencantos. Ele é assim porque é feito de material vivo, feito da mesma árvore que faz o lápis. Feito com entusiasmo, que significa ter Deus dentro da gente. (BRIZOLA, Egidio. Folha de Rio Verde, Rio Verde-GO, 05-08-2004.

No âmbito do jornalismo “empresa”, o retorno da circulação do veículo revela a necessidade e a importância de tecnologia e capital disponíveis para manter o seu funcionamento. Além disto, a linguagem utilizada determina o estilo da escrita adotada, que se revela atraente, com apelo ao emocional, na busca de prender e agradar ao leitor. Como mostram os primeiros parágrafos que aparecem no mesmo período, narrando a história do nascimento da cidade, as construções frasais são típicas do nariz de cera.



Nessa edição de 2004, a Folha de Rio Verde trazia matérias em homenagem ao aniversário de 156 anos da cidade como nos *leads* a seguir:

Foram os bandeirantes paulistas, nas suas entradas e bandeiras em direção do lugar onde o sol se põe, que fizeram, segundo consta, os primeiros contatos com os índios que se concentravam no fundão do Sudoeste de Goiás, por volta de 1726. Bravos, eles resistiram, mas isso não conteve a ânsia dos homens brancos. Apenas alguns grupos admitiram contato – e aí foram pacificados – uns sessenta e tantos anos depois. Passaram a ser chamados de caiapós. (BRIZOLA, Egidio. Folha de Rio Verde, Rio Verde-GO, 05-08-2004 / 20-08-2004)

Outro exemplo:

O boom do desenvolvimento de Rio Verde teve início ainda nos finais de 1960 e início de 1970, quando experimentados produtores de grãos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná decidiram “dar uma volta” no Centro Oeste em busca de terras, conheceram a região e ficaram. Conta uma lenda que um deles, um gaúcho, saiu a esmo de carro meio novo. Parou num posto de gasolina e comprou uma área de 4 mil alqueirões para pagar em três anos. Com o Opala de entrada. Ele ficou tão encantado que “voltou a pé” contar a notícia. (BRIZOLA, Egidio. Folha de Rio Verde, Rio Verde-GO, 05-08-2004 / 20-08-2004)

A linguagem de cunho literário, com expressões conotativas, coloquiais, populares e adjetivadas no texto citado não significa que o jornal ainda não havia adotado o lead, já que na mesma edição, o modelo também aparece, como mostra o trecho a seguir:

O assessor comercial da Embaixada do Chile no Brasil, Donald Mondinger, esteve em Rio Verde, no último dia 26 de julho, para conhecer indústrias e verificar as potencialidades de exportação do município para seu país. (BRIZOLA, Egidio. Folha de Rio Verde, Rio Verde-GO, 05-08-2004 / 20-08-2004)



Cinco anos depois, no período do aniversário da cidade, edição de 5 a 17 de agosto de 2009, veja como foi redigido os primeiros trechos das seguintes matérias:

1º: O dia 5 de agosto de 2009 é a data em que Rio Verde completa 161 anos de história construída pela força e a tradição do agronegócio. O aniversário tem uma agenda de comemorações, e por certo fará muito sucesso um bolo de 161 metros que será distribuído à população. O bolo será montado na Av. Presidente Vargas, no trecho entre a cooperativa Comigo e o Shopping Rio Verde, e será servido no dia 5, no local, a partir das 7 horas.

2º: Rio Verde é responsável por 1% da produção nacional de grãos, é o maior produtor de grãos do Estado e um dos maiores arrecadadores de impostos sobre produtos agrícolas. Por meio de entidades como a Universidade de Rio Verde (Fesurv), também é centro difusor de novas tecnologias.

O lead, adotado como modelo, passa a ser visto em todas as matérias da Folha, mesmo que isto não signifique que tenha perdido a característica literária inicial. Como mostra o primeiro exemplo, a linguagem adquiriu uma hibridez textual, por vezes opinativa e, com respaldo nos textos de assessorias de imprensa.

Pelo o que se nota, o lead do jornal Folha de Rio Verde atua como instrumento de afirmação e difusão do panorama político e econômico da cidade, girando em torno do agronegócio, atividade de considerável importância no município.

Considerações finais

Os jornais locais se diferenciam dos nacionais pela maneira de noticiar, já que os primeiros possuem características específicas que envolvem a proximidade, o compartilhamento de experiências, o mesmo cotidiano e identidade social e cultural.

Vale lembrar que as notícias deveriam destacar justamente o aspecto desta particularidade que as envolvem, ser objeto da democracia e resgatar as identidades e diversidades locais, além de trazer questões úteis e problemáticas socialmente relevantes, em relação à comunidade.

Porém, quando o jornalismo rende-se às regras do mercado, a notícia transforma-se em mercadoria e os leitores se tornam meros consumidores, condicionados pela ilusão de que têm acesso às principais informações, sem de fato



analisarem os motivos e interesses particulares e ideológicos que determinam o que é de fato essencial.

O resumo dos acontecimentos, exposto no lead do jornal Folha de Rio de Rio Verde, traz informações de eventos que ocorreram e que estão para acontecer, já que é uma publicação quinzenal.

Nesse intervalo de tempo, nota-se a falta da matéria do repórter que sai com uma pauta e está atento a tudo o que está a sua volta, com o objetivo de encontrar histórias de pessoas, seus dramas, anseios. Quando o veículo dedica-se a isto, chamam-lhe pejorativamente de sensacionalista.

Na ânsia de escolher qual linguagem utilizar, muitos acabam recorrendo a extremos e acabam deformando a realidade. De um lado aparece a singularidade ao extremo, sensacionalista. De outro, os veículos adotam a pirâmide invertida da grande imprensa, caso do jornal analisado, porém escondem grande parte da realidade, ao não considerar importante a vivência diária dos rio-verdenses e outros fatores que expressam a cultura local, já que a maioria das matérias publicadas são releases recebidos da assessoria de comunicação da Prefeitura, de conteúdo partidário e condicionado ao mercado de produtores de grãos.

Referências bibliográficas

BOAS, Sérgio Vilas. **O Estilo Magazine – O Texto em Revista**. 2ª ed. São Paulo: Summus editorial, 1996.

CALDAS, Álvaro. **Deu no jornal: jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio / Edições Loyola, 2002.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2001.

Folha de Rio Verde, Rio Verde-GO. Períodos: 05/08/2004 - 20/08/2004 e 5/08/2009 - 17/08/2009

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. 3 ed. Porto alegre: Ortiz, 1987.

KARAM, 2000. Disponível em : www.saladeprensa.org/art150.htm. Acesso em: 10 mar. 2010.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ed Ática, 1986.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.



MARCONDES FILHO, C. **O Capital da Notícia.** Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza. São Paulo: Ática, 1986.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade.** São Paulo: Summus Editorial, 2003.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político.** Brasília: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos do jornalismo impresso.** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2001.

ZANOTTI, Carlos Alberto. **O Paradoxo do lide:** sedução e afastamento. Revista de Estudos do Curso de Jornalismo PUC-Campinas, Ano 1, nº 1, outubro de 1998.